

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

TÚLIO ROLLA SENNA GARIGLIO

ROCK N'ROLL NAS LADEIRAS:
Uma história do cenário do rock em Ouro Preto no
final dos anos 90 e início dos anos 2000

Produto Jornalístico

Mariana
2019

TÚLIO ROLLA SENNA GARIGLIO

**ROCK N'ROLL NAS LADEIRAS:
Uma história do cenário do rock em Ouro Preto no
final dos anos 90 e início dos anos 2000**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^aDr^a Hila Rodrigues

Mariana

2019

G232r

Gariglio, Túlio.

Rock'n roll nas ladeiras [manuscrito]: uma história do cenário do rock em Ouro Preto no final dos anos 90 e início dos anos 2000 / Túlio Gariglio. - 2019.

62f.: il.: color.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Hila Silva Rodrigues.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Rock - Ouro Preto (MG). 2. Bandas (Música) - Ouro Preto (MG). 3. Estilo musical. I. Silva Rodrigues, Hila. I. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 070



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

TÚLIO ROLLA SENNA GARIGLIO

Rock n'roll nas ladeiras: uma história do cenário rock em Ouro Preto no final dos anos 90 e inícios dos anos 2000

Membros da banca

Hila Bernardete Silva Rodrigues, professora doutora (UFOP)
Cláudio Rodrigues Coração, professor doutor (UFOP)
Carlos Fernando Jáuregui Pinto, professor doutor (UFOP)

Versão final

Aprovado em 11 de dezembro de 2019

De acordo

Professor (a) Orientador (a) Hila Bernardete Silva Rodrigues



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/12/2019, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0030316** e o código CRC **FA4A7B00**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.204283/2019-72

SEI nº 0030316

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Para a construção desta narrativa, pude contar com a ajuda de diversas pessoas. Primeiramente gostaria de agradecer àqueles que cederam seu tempo, paciência e memórias para tornar vívidas e reais as histórias narradas aqui. Um agradecimento especial a Bruno Bastos, ex-vocalista da banda *Dead Dogs – Cachorros Mortos –*, Cláudio, ex-baixista da banda Covil, Rodrigo Reis, ex-guitarrista e vocalista da banda Desh, Haroldo Rodrigues, ex-baixista da Prosh, e também Júlio de Paula e Marquinhos de Paula, ex-proprietários da casa de shows Rá-Tá-Tá. Sem o interesse, a disponibilidade e a ajuda de vocês este livro-reportagem nunca seria possível.

A todas as pessoas envolvidas no movimento do rock em Ouro Preto na época retratada, que me incentivaram, contaram histórias e me cederam fotos, materiais de divulgação e histórias, mesmo que à distância.

À minha orientadora Hila Rodrigues, por todo apoio, incentivo, paciência e compreensão com meus prazos e dificuldades. Agradeço também por todo o ensinamento nessa trajetória, pela liberdade de criação oferecida e por acreditar na minha capacidade de concluir este livro.

Ao professor Cláudio Coração, pelo incentivo, pelas ideias, dicas, sugestões e pelo fornecimento de livros e materiais que foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

À minha família, por sempre acreditarem na minha capacidade, pelo incentivo e por tornarem momentos de desesperança e preocupação muito mais leves. Amo vocês!

Também agradeço aos amigos que estiveram comigo durante a produção do livro-reportagem. A todos aqueles que me incentivaram, me forneceram apoio, acreditaram na importância e relevância do tema escolhido, além de respeitarem meus momentos de estudo e se preocuparem com o andamento do projeto.

Um grande agradecimento a Universidade Federal de Ouro Preto, pelo ensino público gratuito e de extrema qualidade, que me permitiu chegar até aqui e adquirir conhecimentos únicos para a trajetória profissional que se inicia.

Por fim, um grande agradecimento a todos aqueles que acreditam no rock n'roll e que se esforçam para que este movimento tão rico e importante aconteça, aonde quer que seja. Meu eterno respeito por todos vocês!

RESUMO

O objetivo deste livro reportagem é retratar o cenário do estilo musical rock n'roll em Ouro Preto na virada do século. São retratados o contexto social, pontos de encontro dos adeptos, as bandas que compunham o cenário, além de como e por quem este movimento era feito. No livro são retratadas, de forma mais específica, três bandas independentes da época e suas trajetórias no cenário do rock na cidade. Serão contadas histórias que envolvem as bandas Dead Dogs, Covil, e Dsh. Também é retratada a trajetória de uma famosa casa de shows que foi um marco na vida noturna da cidade e contribuiu muito para o cenário do rock no final dos anos 90. Assim, também estarão presentes histórias envolvendo a Casa de Shows Rá-Tá-Tá. Os principais métodos para a coleta dos dados foram as entrevistas com pessoas que participaram do cenário e viveram aqueles anos. A essas entrevistas, somou-se uma pesquisa documental com o intuito de localizar fotografias, panfletos e outros materiais referentes ao tema investigado, bem como algumas visitas a antigos lugares que marcaram a vida cultural de Ouro Preto, especialmente nas noites dos anos 1990, ao som das bandas de rock. O objetivo é tornar cada relato o mais real possível, sempre a partir das memórias de quem realmente os viveu.

Palavras - chave: Rock n'roll;Cena musical; Bandas independentes; Ouro Preto.

ABSTRACT

The purpose of this report book is to portray the rock n'roll style scene in Ouro Preto at the turn of the century. They portray the social context, fans' meeting points, the bands that made up the scene, as well as how and by whom this movement was made. In the book are more specifically portrayed three independent bands of the time and their trajectories in the rock scene in the city. The book has stories of the bands called Dead Dogs, Covil and Dosh. Also portrayed is the trajectory of a famous concert hall that was a landmark in the city's nightlife and contributed greatly to the rock scene in the late 1990s. So, stories of the nightclub called Rá-Tá-Tá are going to be in the book too. The main methods for data collection were interviews with people who participated in the scenario and lived those years. To these interviews, a documental research was added in order to locate photographs, pamphlets and other materials related to the investigated theme, as well as some visits to old places that marked the cultural life of Ouro Preto, especially in the nights of the 1990s, during the evening, with the sound of rock bands. The goal is to make each story as real as possible, always from the memories of those who actually lived them.

Keywords: Rock n'roll; Music Scene; Independent Bands; Ouro Preto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA1- Antigo <i>flyer</i> de divulgação da noite no Rá-Tá-Tá.....	17
FIGURA 2- Entrada da casa de shows Rá-Tá-Tá - Anos 90.....	17
FIGURA 3 - Cartaz de divulgação de um festival independente em Ouro Preto.....	18
FIGURA 4 - <i>Flyer</i> de divulgação de festival no bairro Cabeças – 2000.....	19
FIGURA 5 - Banda <i>Dead Dogs</i> na gravação da primeira demo – 2001.....	19
FIGURA 6 - Apresentação da banda Desh na Praça Tiradentes.....	20
FIGURA7 - Exemplo da fonte Rockwell, usada no livro-reportagem.....	21
FIGURA 8 - Guia de margens e sangria utilizadas no livro-reportagem.....	21

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	07
2 –UMA CENA DE ROCK DIFERENTE EM OURO PRETO	10
3 - BANDAS DE GARAGEM, CENÁRIOS E SUAS SEMELHANÇAS	11
4 – PAUTA ESTENDIDA	13
5 –ENTREVISTAS: MEMÓRIAS E NOSTALGIAS	15
6 – PROJETO GRÁFICO	16
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

O estilo musical “rock n’roll” possui uma história muito mais longínqua do que imaginam aqueles que o apreciam. Muggiati,(1973) afirma que o rock surgiu com a chegada dos escravos negros na América. Era um período sangrento da história, em que, privados de sua liberdade e de suas manifestações culturais, eles tinham que procurar formas de se expressar em que unissem sua cultura com a cultura local dominante. A ideia é a de que o rock nasceu do grito do primeiro escravo ao descer em solo estrangeiro, como uma espécie de sonar, como um reconhecimento de uma nova terra estranha e hostil. A partir disso, o grito foi se modificando, ganhando novas entonações e se fundindo à cultura musical europeia que predominava nos Estados Unidos, dando, assim, origem ao *blues*, que foi e ainda é a base para as mais diversas vertentes do rock.

Com o passar dos anos, o estilo sofreu ainda muitas alterações e ganhou conotações políticas, culturais e sociais mais evidentes. Mais precisamente nos anos 60, jovens brancos e de classe média passaram a apreciar artistas como os Beatles e Bob Dylan, que, com suas canções políticas e rebeladas, incorporavam estilos da música negra do passado para fazer sucesso. Como diz Muggiati no livro *Rock, o grito e o mito*: “é a juventude de classe média branca que, colocando-se como oprimida em relação à sociedade estabelecida de seus pais, assume a cultura negra como bandeira” (MUGGIATI, 1973, p.30). Somando-se a isso, eventos como o antológico festival de Woodstock, ocorrido em 1969 na cidade de Bethel, em Nova Iorque, que reuniu mais de 200 mil pessoas, contribuiriam para que a música se tornasse um instrumento de união destes jovens que iam contra as regras preestabelecidas da sociedade da época e fizesse parte fundamental do movimento chamado contracultura.

A partir destas considerações, pode-se dizer que, desde o seu surgimento, antes mesmo de receber um nome propriamente dito, o *rock* tinha a capacidade de unir as pessoas, evocar ideologias e interesses comuns. O trabalho aqui apresentado busca mostrar como esse estilo exerceu essa influência na cidade de Ouro Preto no final dos anos 90 e início dos anos 2000 e como ocorria esse movimento, baseado em entrevistas com personagens chaves que estiveram presentes na cena cultural dessa época, através de um livro reportagem. O trabalho se inspira na obra de Muggiati, que, em seu trabalho, analisa as influências do rock no mundo em uma escala mais global, mais especificamente nos Estados Unidos. Este livro-reportagem busca fazer isso tomando como base uma época específica na cidade de Ouro Preto.

Freire Filho e Fernandes (2005) analisam os conceitos de cena musical e comunidade musical a partir das interações entre os jovens em variados espaços urbanos. Segundo os autores, “o propósito dessas comunidades é, portanto, estabelecer uma ligação afetiva entre práticas musicais contemporâneas e um legado musical que lhe confira um caráter musical de pertinência”(FREIRE; FERNANDES, 2005, p.6). A partir dessa afirmação, pode-se dizer que o livro-reportagem também buscará, através das entrevistas e das pesquisas sobre a época, entender como o *rock* une as pessoas em Ouro Preto, e se isso atravessou os anos, da mesma forma – com os mesmos locais sendo frequentados por diferentes gerações de adeptos do rock – ou se há mudanças relevantes nessas comunidades em cada época específica.

No artigo, os autores também analisam a cena da música *indie* na cidade do Rio de Janeiro, mostrando seus atores sociais, discursos e práticas. Segundo os autores, a integração entre o público apreciador desse estilo, em meados de 2005, era muito facilitada pela internet, através de páginas de bandas independentes, listas de discussão e comunidades *online*, além da existência de revistas alternativas e *fanzines* que divulgavam o cenário e as bandas. No caso da cidade de Ouro Preto, na época em que será retratada, é interessante investigar como ocorria a disseminação do cenário do rock na época. Investigar que meios de comunicação eram utilizados pelos adeptos desse estilo musical para promover festivais e encontros – o que faziam para divulgar esse estilo de vida, atrair novos adeptos e chamar a atenção dos apreciadores que estavam “deslocados” da comunidade que se reunia constantemente. Também é importante mostrar, nesse livro, as relações entre o cenário musical e as discussões políticas e sociais. O artigo é relevante para o livro-reportagem, pois menciona conceitos-chave importantes, como o de *comunidade musical* e *cena musical*, e como jovens adeptos de um estilo musical específico desenvolvem suas comunidades e buscam, através delas, um estilo de vida específico.

Como o trabalho em si é um livro-reportagem, algumas especificidades devem ser levadas em consideração para que ele seja produzido de forma correta. Em seu livro *Páginas Ampliadas* (2009), Edvaldo Pereira Lima analisa o modelo livro-reportagem em chaves que abordam a união entre jornalismo e literatura, e também outros formatos de livro-reportagem. Alguns desses formatos se encaixam na proposta do trabalho a ser produzido aqui. A primeira é o livro-reportagem-depoimento, que, de acordo com Lima:

Reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido – geralmente com a assistência de algum jornalista – ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro. Apreende-se, daí, que o tom é passar ao

leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada. Por isso, seu estilo é, normalmente, o da *action-story*. (LIMA, 2009, p.52).

Esse estilo de livro-reportagem é muito relevante para o trabalho, pois uma das ideias aqui é buscar depoimentos de pessoas que estavam envolvidas com o cenário do rock em Ouro Preto no final dos anos 90 e início dos anos 2000, e tornar esses relatos o mais real possível, resgatando memórias e histórias contadas pelo entrevistado de maneira vívida.

Outro modelo, o livro-reportagem história, segundo o autor, "focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo" (LIMA, 2009, p.54). Ele diz ainda que o tema "tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual" (idem). Esse elemento, de acordo com Lima, "pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados" (idem). Por se tratar de um trabalho que analisa um movimento de uma época específica, mas não muito distante, ele se conecta com o presente na medida em que esse movimento ainda perdura em Ouro Preto, de forma diferente. Pode-se também fazer uma ligação entre os locais e eventos que possibilitavam os encontros dessas pessoas no passado e atualmente, tendo em vista que muitos desses locais e eventos foram preservados e que alguns deles mantêm a sua essência, de maneira geral, com algumas diferenças decorrentes do tempo, claro.

As memórias são questões importantes para o livro-reportagem, pois a partir delas é que serão traçados os caminhos para entender o movimento do *rock* da época. Lima define o texto de memória como "trabalhos autobiográficos ou não sobre uma etapa da vida de uma pessoa ou sobre um ou mais episódios do qual participou" (LIMA, 2009, p.48). De acordo com o autor, são, geralmente, "reminiscências de uma época já distante no tempo", que se diferem da biografia "por não haver compromisso em se narrar uma vida inteira" (idem). Essas memórias serão fundamentais para captar o espírito dos encontros, festivais e festas em que se reuniam os adeptos desse estilo musical.

Assim, para trazer tais memórias para o presente, foi necessário muito contato com os principais personagens do movimento naquela época, além de uma pesquisa documental sobre o tema. No decorrer do processo de pesquisa e produção, foi notório o prevalectimento no uso da memória dos entrevistados, tanto para contar as histórias presentes no livro quanto para chegar a outras fontes relevantes. Por exemplo, logo na primeira entrevista, com a primeira fonte, já foi possível ter acesso a diversos outros contatos. Uma ferramenta muito importante nesse quesito foi a rede social Facebook, já que Bruno Bastos, ex-vocalista da banda Dead

Dogs, teve a ideia de criar um grupo na rede social e adicionar todos que ele conhecia que estavam envolvidos nos acontecimentos da época. O resultado se mostrou muito positivo, já que o grupo se manteve em movimento por muito tempo, com seus membros compartilhando histórias, fotos, e reencontrando velhas amizades que não tinham notícias a muito tempo.

2 UMA CENA DO ROCK DIFERENTE EM OURO PRETO

O cenário do rock em Ouro Preto analisado no livro-reportagem se difere muito do cenário atual. Tomando como base as entrevistas realizadas e as pesquisas sobre o cenário do final dos anos 90 e início dos anos 2000, pode-se perceber que nesta época o número de bandas de rock independentes no município era muito maior. Além disso, foi unanimidade entre os entrevistados o fato de que nesta época abordada o número de jovens interessados em criar uma banda e em participar de qualquer forma do cenário era muito grande. Os mesmos locais eram frequentados pelos jovens com os mesmos gostos, e dali surgiam bandas, festivais, etc. A casa de shows Rá-tá-tá, inaugurada em 1996, foi algo nunca visto antes na cidade em termos de liberdade, apoio a arte, a cultura e a música, e foi o primeiro palco de algumas icônicas bandas de rock locais, como os Dead Dogs, a Prosh e a Marakugina.

Uma observação interessante deve ser feita sobre o Clube Rá-Tá-Tá após algumas pesquisas sobre locais famosos da cena *underground* no Brasil através do tempo. A partir da leitura da edição comemorativa número 100 da revista *Rolling Stone*, intitulada os "Os 100 maiores momentos da música brasileira", pude perceber a menção a inauguração de uma das casas de show *underground* mais famosas do país, o Madame Satã, que surgiu em São Paulo em 1983. A descrição do local traz muita semelhança com o Rá-Tá-Tá, como se pode perceber no trecho "A informalidade do Satã o tornava o espaço preferido dos punks, góticos, escritores, amantes da música eletrônica, poetas, transformistas, fãs de art rock e intelectuais" (ROLLING STONE, 2014, p.71). O Madame Satã foi, se não o maior, um dos maiores redutos da cena *underground* de São Paulo na década de 80, abraçando todos os estilos e revelando bandas que depois alcançariam o sucesso. Em menor escala, claro, pode-se fazer uma comparação entre o Madame Satã e o Rá-Tá-Tá, que possui características bastante semelhantes, sendo reduto do *underground* de Ouro Preto no final dos anos 90 e tendo revelado bandas que ficariam conhecidas no cenário local.

O bar Barroco, na época localizado na Rua Conde de Bobadela (Rua Direita), também era um reduto dos amantes do rock e dos músicos membros de bandas, assim como o bar Satélite, que se localizava do outro lado da rua, sendo fácil o deslocamento de um lugar para o outro. O beco anexo ao Bar Satélite, conhecido como Travessa do Arieira, também abrigava constantemente festivais e shows com bandas independentes, além de ser um local “escondido”, escuro e com ar *underground*, o que fazia com que os roqueiros se reunissem ali para beber, fumar, e curtir a noite. Intervenções policiais para acabar com a “bagunça” no local eram frequentes na época, conforme foi relatado por mais de um entrevistado.

Nos dias atuais, tudo isso mudou e a cena já não é tão forte. As mudanças no próprio cenário estrutural de Ouro Preto podem ter contribuído para isso, com a mudança do Barroco para o bairro da Barra, acabando assim com a união proporcionada pela proximidade do Satélite. A falta de locais específicos para a apresentação de bandas independentes também é um empecilho, já que as repúblicas estudantis e as casas de show preferem apostar em bandas de outros estilos musicais, ou bandas de rock que toquem apenas *covers*.

Mesmo com as dificuldades citadas, algumas poucas pessoas e movimentos ainda buscam nos dias atuais manter a cena independente local. É o caso do movimento Rock Generator, que se trata de um coletivo que busca resgatar a essência do rock na cidade. Foi criado há alguns anos com objetivo de não deixar o cenário morrer, e organiza com certa frequência eventos com bandas independentes em locais variados. Mas infelizmente, nos dias atuais, é um coletivo que foge aos padrões convencionais, e como dito antes, é um movimento de tentativa de resgate de um cenário que algum dia já existiu com uma força muito maior em Ouro Preto.

3 BANDAS DE GARAGEM, CENÁRIOS E SUAS SEMELHANÇAS

Na construção do trabalho também foi possível perceber as semelhanças entre várias formas entre as bandas de garagem abordadas em Ouro Preto com outras bandas de garagem de diversas partes do mundo. O surgimento, os locais de ensaios e apresentações, as mudanças de formação e as tentativas de se manter independentes e criar a própria identidade são fatores que seguem um padrão. Da mesma forma, pode-se perceber semelhanças entre os cenários do rock independente em diversas partes do globo.

A partir da leitura e do estudo de artigos sobre música de Fabrício Silveira e José Machado Pais, essas semelhanças são mais nítidas. Em seu artigo *Cenas Musicais em Manchester: Passado-Presente*, Fabrício Silveira analisa as mudanças na cena musical na cidade de Manchester, na Inglaterra, com o passar dos anos. No artigo o autor mergulha no universo das bandas independentes e da cena do rock da cidade. Em sua análise, o autor chega a conclusões que se assemelham muito ao cenário de Ouro Preto. Um exemplo é a descrição de Manchester e como isso afeta no modo como a cena ocorre: “é uma cidade fria, onde chove quase o tempo todo – e o frio obriga a inventar saídas, usar a criatividade para que se possa obter diversão em lugares fechados” (SILVEIRA, 2015, p.339). A partir desta descrição, é possível traçar um paralelo com Ouro Preto, que possui as mesmas características climáticas e onde as bandas independentes costumam se apresentar em “porões” e locais fechados.

Em seu artigo *Bandas de garagem e identidades juvenis*, José Machado Pais analisa diversas bandas de garagem em Portugal, desde o surgimento, as apresentações, até o estilo de cada banda. A comparação das suas análises com o cenário abordado de Ouro Preto é ainda mais interessante, porque, mesmo que as análises sejam de bandas de dois países diferentes, as semelhanças também são notórias, a começar pelo motivo do uso do termo “banda de garagem”. No livro-reportagem, pode-se perceber que todas as bandas abordadas, desde a Dead Dogs, até a Dersh, começaram em porões ou outros cômodos que pertenciam a algum familiar de um integrante da banda. Em seu artigo, o autor usa a definição para o termo que se encaixa perfeitamente: “São assim designadas porque muitas delas aproveitam qualquer garagem ou barracão - frequentemente pertencente aos pais de algum dos elementos da banda - para aí realizarem seus ensaios musicais” (PAIS, 2006, p.29).

Outra semelhança entre as diversas bandas de garagem é o fato de que as mudanças na sua composição são muito comuns, e é raro encontrar um membro que tenha ficado na banda em todas as suas formações. Nas bandas de Ouro Preto abordadas no livro, busquei entrevistar justamente este membro, que foi parte da banda em todas as suas formações, pois este membro saberia melhor do que ninguém contar a história da banda em todas as suas fases. A partir das conversas, pude perceber que em todas as bandas analisadas as mudanças entre integrantes eram muito frequentes e era normal uma mesma pessoa atuar em duas ou até mais bandas diferentes ao mesmo tempo. Em seu artigo sobre bandas independentes em Portugal, Pais chegou a mesma conclusão: “na constituição de uma banda, não há geralmente

procedimentos rígidos ou formais de admissão ou de dissolução, sendo frequente ver um jovem integrar, ao mesmo tempo, duas bandas diferentes" (PAIS, 2006, p.49).

4 PAUTA ESTENDIDA

A coleta de materiais para o início do projeto se deu através do contato com pessoas que viveram em Ouro Preto na época em questão e estavam presentes nos shows, festivais e eventos em geral. Enfim, em vários momentos que envolviam a apresentação das bandas de rock. Através dessas pessoas, consegui reunir um bom número de contatos que eram ex-membros de bandas da época – ou organizadores de eventos ou, ainda, pessoas ligadas ao movimento em geral. Após conseguir os números dessas pessoas e perfis em redes sociais, entrei em contato com algumas e expliquei a ideia do projeto, conseguindo, assim, marcar encontros em que foram feitas entrevistas para coleta do material que compõe o livro.

As entrevistas foram feitas de forma bastante informal, e em todos os casos houve encontros planejados com o objetivo de “ganhar a confiança” da fonte. Nesses encontros, as conversas nunca eram gravadas. A partir destes encontros, as fontes se sentiam mais à vontade para conceder as entrevistas que solicitei e que foram realizadas durante novos encontros – agora com o uso do gravador.

Durante as conversas, foi possível obter um panorama de como a cena do rock independente em Ouro Preto se construía na época. Foi possível saber mais sobre os locais mais frequentados pelos adeptos, como as bandas de garagem surgiam, como se dava a organização dos festivais de música – e como a vontade de fazer aquilo acontecer unia as pessoas adeptas das mais diferentes vertentes do rock, não se fechando em um único estilo.

Para me aprofundar mais no estudo, achei relevante também estudar como era o panorama do rock no Brasil como um todo nesta época, a fim de encontrar semelhanças que se encaixassem no cenário de Ouro Preto – e que me fizessem compreender melhor esses cenários. Para isso foi importante a leitura do livro *Ceguei bem a tempo de ver o palco desabar - 50 casos e memórias do rock brasileiro (1993-2008)* (2013). No livro, o jornalista Ricardo Alexandre narra histórias das suas vivências como repórter musical durante os anos 90 e os anos 2000, e como se deram as mudanças na música brasileira na época – e como ocorreu a construção do cenário que caracterizou aquela época.

Logo na apresentação do livro, Ricardo Alexandre já apresenta uma mudança essencial que se veria no cenário musical a partir dos anos 90; a mistura de ritmos, de influências, de cultura e de arte, como enfatiza André Forastieri na apresentação do livro: "eram músicos mas também fanzineiros, DJs, produtores, donos de casas noturnas, radialistas. Era, enfim, uma cena de verdade, uma cena independente, a nossa cena" (ALEXANDRE, 2013, p.12).

Essa "mistura" pode ser percebida também no cenário de Ouro Preto, principalmente no capítulo sobre a casa de shows *Rá-tá-tá*, inaugurada no município no final dos anos 90, que deu vazão não só ao rock, mas a todo tipo de intervenção artística, seja no campo do teatro, da dança, da poesia e da prosa. Era um reduto *underground* que ajudou a construir a cena da cidade naquela época – e de uma forma muito singular. Também pode-se perceber esse efeito no modo como as bandas de garagem locais divulgavam seus trabalhos. Faziam isso de forma totalmente independente na maioria dos casos, utilizando *flyers* e cartazes de divulgação feitos totalmente a mão e distribuídos nas ruas, o que agregava arte ao cenário.

O livro também apresenta as mudanças que ocorreram na indústria fonográfica. Falo, por exemplo, de como era feita a distribuição de material por parte das bandas independentes através das chamadas fitas-demo. Elas existem desde o surgimento do mercado fonográfico, mas se popularizaram muito na metade dos anos 90 e se tornaram a melhor forma das bandas independentes divulgarem seu trabalho, como diz o autor: “divulgadas pelos *fanzines*, vendidas em shows, comentadas em revistas e jornais, as demo-tapes viraram o veículo oficial para a nova música feita no submundo” (ALEXANDRE, 2013, p.34). Esse tema da demo ganha destaque no capítulo em que trato da banda de garagem ouro-pretana *Dead Dogs*, mais tarde chamada Cachorros Mortos, criada na metade dos anos 90. Pode-se fazer um paralelo dessa história com esse *boom* das demo-tapes da época, já que a banda obteve seu primeiro material gravado oficialmente utilizando esse estilo, apesar de na época a demo ter sido gravada em um CD que continha três músicas lançadas em 2001.

Havia também os festivais locais. Eram sempre divulgados através de *fanzines* e cartazes feitos a mão por artistas independentes – às vezes até pelos próprios membros das bandas. É claro que há uma grande diferença na abrangência da divulgação se compararmos as bandas surgidas nas capitais e os grupos formados nas cidades menores. Uma banda de garagem de uma cidade do interior de Minas Gerais dificilmente conseguiria apoio financeiro ou recursos avançados para o desenvolvimento de seus trabalhos artísticos.

Esse produto desenvolveu-se, portanto, a partir do estudo do cenário brasileiro em outra época. Trata-se de uma referência, mas com um aprofundamento específico no cenário de Ouro Preto. Foi a partir das entrevistas com pessoas que viveram e construíram o cenário desta época, e que continuam morando no município, que pude ter uma visão ampliada e, desta forma, perceber melhor as mudanças ocorridas no cenário de lá para cá.

5 ENTREVISTAS – MEMÓRIAS E NOSTALGIAS

Como dito anteriormente, o livro *Páginas Ampliadas* (2009), de Edvaldo Pereira Lima foi a base para a realização das entrevistas para este livro-reportagem. A partir dos diversos métodos de abordagem apresentados pelo livro, procurei retirar de cada método algo que fosse construtivo para o livro-reportagem.

Procurei demonstrar para as fontes que o que estava fazendo não beneficiaria só a mim e a minha vida acadêmica, mas sim a todos que de algum modo estiveram presentes e participaram do cenário do rock do final dos anos 90 e início dos anos 2000. Diante disso, todos os entrevistados se mostraram muito entusiasmados com o fato de ter alguém interessado em fazer um registro histórico das suas melhores memórias e de uma época e um tema que possui tão poucos registros físicos.

Em algumas entrevistas, como a com Bruno Bastos, ex-vocalista da banda Dead Dogs, com Júlio e Marquinhos de Paula, fundadores da casa de shows Rá-Tá-Tá, e com Rodrigo Reis, ex-vocalista da banda Dësh, tive a oportunidade de ir até a casa deles e entrevistá-los lá, em um ambiente informal em que todos estavam a vontade, se sentindo mais em um bate papo entre amigos do que em uma entrevista propriamente dita. Na casa de Júlio e Marquinhos tive o prazer de desfrutar um ótimo chocolate quente com meus anfitriões e na casa de Rodrigo recebi de presente o CD C.O.M.A, gravado de forma independente pela Dësh em 2005.

A questão a que quero chegar é a de que para a construção deste livro, foi muito importante o contato próximo com as fontes e a demonstração do interesse e da vontade em contar suas histórias. É certo que em muitos casos, como estudado durante a graduação, o contato próximo entre jornalista e fonte pode ser um fator prejudicial para o desenvolvimento do trabalho que está sendo feito, mas essa regra não se aplica aqui; muito pelo contrário, neste livro a proximidade com as fontes foi um fator que teve de ser construído e trabalhado para

que elas se sentissem seguras na minha presença para contar suas histórias e permitir o seu registro neste livro.

A partir das entrevistas, foi possível ver que a época evoca muita saudade e muita nostalgia nos entrevistados, e que foi vivida ao máximo. Diante disso, a sensação de retratar memórias importantes para o outro foi muito gratificante, além do fato de narrar algo que aconteceu na cidade em que moro e que muitas poucas pessoas têm conhecimento.

6 PROJETO GRÁFICO

O livro será dividido em três capítulos, dois contendo três subtítulos, e um contendo quatro subtítulos. Os subtítulos marcam uma linha temporal de acontecimentos no desenvolver do livro-reportagem e alguns marcam o início de um novo assunto.

A capa é composta por uma arte baseada em antigos *flyers* de divulgação de shows e festivais, alguns feitos a mão pelos próprios músicos ou artistas locais. A ideia é mostrar como a divulgação também era feita muitas vezes de forma totalmente independente. No final de cada capítulo, algumas páginas são dedicadas a fotos de arquivo, fornecidas pelas fontes, referentes ao que foi abordado no capítulo em questão. Quanto à fonte utilizada na escrita, optei pela rockwell, em função de seu desenho, que me parece propício ao estilo imaginado para o livro. O título do livro apresenta a fonte rockwell, tamanho 40pt na capa e 14pt na primeira página, os títulos dos capítulos apresentam a mesma fonte em tamanho 24pt, em negrito, os subtítulos apresentam a fonte em tamanho 12pt, em negrito, e a narrativa do livro apresenta a fonte no tamanho 12pt. As páginas são em tamanho A5, apresentando margens com tamanho 1,27cm superior, inferior, lateral esquerda e direita.



Figura 1: Antigo *flyer* de divulgação da noite no Rá-Tá-Tá

Fonte: Acervo particular de Júlio de Paula, um dos fundadores da casa de shows.



Figura 2: Entrada da casa de shows Rá-Tá-Tá - Anos 90

Fonte: Acervo particular de Júlio de Paula, um dos fundadores da casa de shows.



Figura 3: Cartaz de divulgação de um festival independente em Ouro Preto
Fonte: Acervo de membros de bandas independentes de Ouro Preto da época.

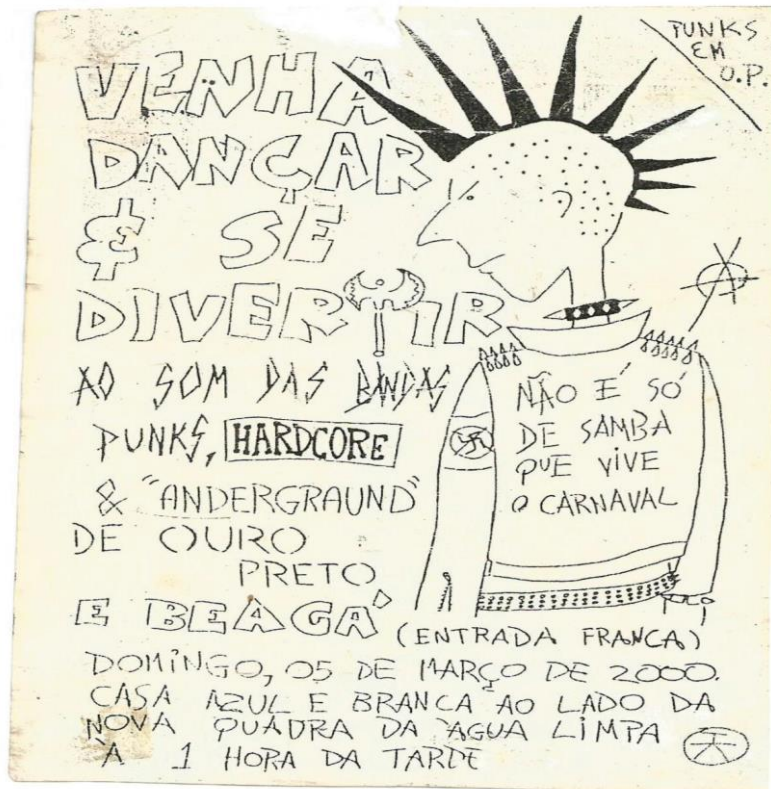


Figura 4: Flyer de divulgação de festival no bairro Cabeças – 2000

Fonte: Acervo de membros de bandas independentes de Ouro Preto da época.



Figura 5: Banda *Dead Dogs* na gravação da primeira demo – 2001.

Fonte: Acervo de membros de bandas independentes de Ouro Preto da época.



Figura 6: Apresentação da banda Desh na Praça Tiradentes.

Fonte: Acervo de membros de bandas independentes de Ouro Preto da época.

ABCDEFGHIJKLMN
 OPQRSTUVWXYZÀÁ
 abcdefghijklmnopq
 rstuvwxyzàáéêõøü&
 1234567890(\$£.,!?)

45

Figura 7:Exemplo da fonte Rockwell, usada no livro-reportagem:
Fonte:<https://www.pinterest.fr/pin/563864815829476320/?lp=true>

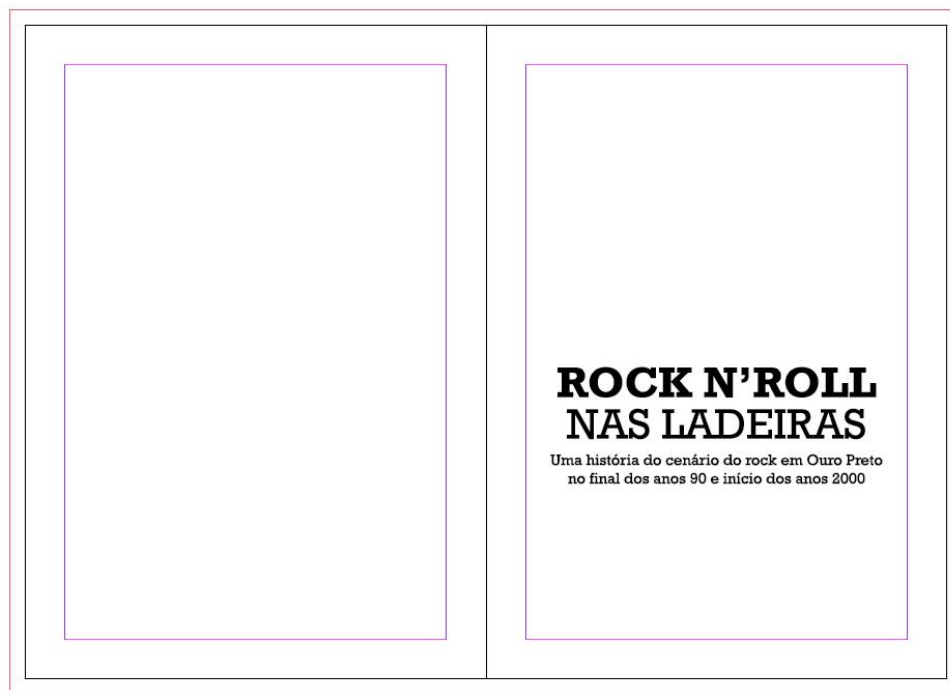


Figura 8: Guia de margens e sangria utilizadas no livro-reportagem
Fonte: Márcio Mattos - Editor do livro-reportagem

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do resultado final deste trabalho, pude perceber a importância de uma abordagem mais humanizada junto às fontes. O contato próximo com os entrevistados e o interesse que mostrei pelas histórias que me foram contadas foram fatores primordiais para a conclusão deste trabalho. Além disso, a imersão no universo do município de Ouro Preto, suas ruas estreitas, suas ladeiras, bares e locais que eram frequentados pela geração de jovens adeptos do movimento do rock da época retratada também foi fundamental. Isso tornou muito mais fácil levar ao leitor uma experiência de imersão, a fim de colocá-lo em contato com o universo que eu descrevia e sentia ao falar de certos lugares, eventos e acontecimentos. Foi importante também para mostrar que o trabalho realmente resgata o movimento de uma cidade em uma época específica.

Esse processo de fazer reportagem me revelou que o jornalismo pode ser feito a partir da união de fatos, poesia, checagem, descrições e de uma narrativa mais "livre". O livro-reportagem apresenta fatos que realmente ocorreram e se baseiam quase que exclusivamente nos depoimentos dos entrevistados e em suas memórias. Mas, para além dessas memórias, procurei dar um clima próprio à narrativa, fugindo às vezes do convencional, para que a leitura não se tornasse maçante.

A partir deste trabalho pude aprender muito sobre o movimento do rock na cidade de Ouro Preto. Pude ver as semelhanças e especificidades na maneira como esse movimento ocorria na cidade – em relação a outras partes do Brasil e do mundo. Muitas semelhanças foram encontradas a partir de pesquisas e leituras (como aquelas identificadas entre processos de formação e desenvolvimento de bandas de garagem nos locais que são frequentados pelos amantes deste estilo musical, e também entre as formas de divulgação dos shows e festivais, etc.).

As singularidades de Ouro Preto, a meu ver, estão na forma como a união dos jovens adeptos do movimento ocorriam em locais específicos e concentrados, como o Bar Barroco e o Bar e Pizzaria Satélite – que, na época retratada, eram praticamente um em frente ao outro. Hoje em dia essa proximidade entre os lugares não é mais a mesma nem exerce o mesmo efeito e isso faz com que os grupos fiquem mais dispersos. Bairros como Antônio Dias, Rua dos Paulistas e Rosário foram berços de muitas bandas de garagem na época, principalmente por serem bairros em que as casas se situavam muito próximas umas das outras. Isso faz com que as relações entre vizinhos sejam mais próximas e mais intensas, possibilitando um contato

maior para o desenvolvimento de ideias. No período aqui contemplado, esse fator influenciou bandas, festivais e definiu o campo dos interesses musicais.

O trabalho não foi complicado de se fazer na prática, mas algumas barreiras foram encontradas. No início, através de conhecidos da cidade, consegui a chegar a alguns membros de bandas da época, e a partir deles cheguei a vários outros membros, além de outros adeptos do movimento, como os antigos donos do bar Rá-Tá-Tá, abordado em um dos capítulos. O fato de Ouro Preto ser uma cidade menor, interiorana, com uma população mais concentrada, foi um fator que ajudou. Em se tratando de um movimento como do rock e das bandas de garagem, quase todos os envolvidos se conheciam ou pelo menos já tinham ouvido falar sobre outras pessoas que poderiam me conceder entrevista sobre lugares, sobre as bandas e sobre o rock na cidade.

Entre as dificuldades encontradas, estava o fato de que o trabalho dependeu muito das memórias dos entrevistados, pois registros físicos mais detalhados sobre o movimento são quase inexistentes. Pude encontrar, no máximo, fotos, cartazes de divulgação de shows e festivais, e algumas poucas e pequenas matérias de jornais da época. Foram várias as dificuldades nesse sentido porque muitas vezes os entrevistados não se lembravam com detalhes da data exata de certos acontecimentos, dos sobrenomes das pessoas envolvidas, nem a ordem em que cada fato aconteceu. Afinal, eu estava tratando de acontecimentos ocorridos há 15 ou 20 anos atrás. O movimento do rock, naquela época, estava sempre em ebulição. Havia muitos shows ocorrendo, muitas bandas, jovens participando de vários grupos ao mesmo tempo. Além disso, havia as trocas de formação nas bandas. Elas ocorriam a todo momento e várias pessoas passaram por mais de uma banda, onde permaneciam por períodos muito distintos.

A pesquisa boca a boca foi fundamental para contornar estes obstáculos, pois, quando uma pessoa não sabia uma informação, ela perguntava a outra que sabia – ou eu mesmo procurava buscar essa checagem com outras pessoas. Este processo me revelou que as relações humanas são parte fundamental do jornalismo, e através delas podemos chegar a muitas informações e descobertas. Na falta de registros escritos e físicos, é um caminho possível. Através das pessoas e da ajuda que um dava ao outro nesse exercício de rememoração, em busca do resgate de certas informações, também pude perceber o interesse de várias pessoas pelo trabalho. É curioso como um movimento que ocorreu tantos anos atrás ainda conseguir unir as pessoas no presente. Mesmo que praticamente todas as bandas tenham

acabado, que a cena tenha mudado muito e que boa parte dos envolvidos no passado tenham tomado novos rumos na vida, o tema aproxima os envolvidos.

Por fim, diria que a principal coisa que aprendi a partir deste trabalho foi a importância do outro no fazer jornalístico. Vi que, ao contar uma história sobre um movimento feito por pessoas que acreditavam naquilo, é muito importante trazer para a história o olhar destas pessoas, suas experiências, suas perspectivas do que era aquilo. Vi que a união entre o olhar do jornalista e o das fontes envolvidas é essencial para a construção de um bom relato, de um livro-reportagem honesto. Concluo dizendo que fazer este trabalho foi muito gratificante. Foi prazeroso contar histórias ligadas a um tema que gosto e pelo qual me interessa, além de poder apresentá-lo para as pessoas que me ajudaram a construí-lo. Pessoas que, na época, lutaram e acreditaram no movimento do rock em Ouro Preto. Isso faz com que eu conclua esta etapa acreditando no poder que o jornalismo tem de trazer vida ao presente a partir do passado, e de dar a devida importância às histórias de pessoas comuns, que construíram um movimento musical importante para a cultura local.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ricardo. **Cheguei bem a tempo de ver o palco desabar: 50 casos e memórias do rock brasileiro (1993-2008)**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

FREIRE FILHO, João; FERNANDES, Fernanda Marques. Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o conceito de cena musical. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 28. **Anais [...]**Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

MUGGIATI, Roberto. **Rock O Grito e o Mito**. Petrópolis: Vozes, 1973.

PAIS, José Machado. Bandas de garagem e identidades juvenis. *In: COSTA, Márcia Regina; MURILHO, Elisabeth. Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*. São Paulo: PUC-SP/EDUC, 2006.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

ROCHA, Antônio do Amaral; VELOSO, Bruna; SANTO, José Júlio do Espírito; LAURO, Marcos; TRAMONTINA, Mariana; FERREIRA, Mauro; MIYAZAWA, Pablo; CAVALCANTI, Paulo. Os 100 maiores momentos da música brasileira. **Revista Rolling Stone**, São Paulo, v.100, p. 59-75, 2014.

SILVEIRA, Fabrício. Cenas musicais em Manchester: Passado, Presente. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. São Leopoldo, v. 17, n. 3, pp.332-340, 2015. ISSN .1984-8226